

# 1

SEGUNDA-FEIRA, 2 DE OUTUBRO DE 2017

**A** inspetora-chefe Erika Foster protegeu os olhos da chuva enquanto se apressava na companhia da inspetora Moss ao longo de South Bank, um passeio largo na margem sul do rio Tamisa, em Londres. A maré estava baixa, deixando a descoberto uma faixa castanha de limos, tijolos e lixo. No bolso do casaco preto comprido de Erika, o rádio emitiu um som metálico e ela ouviu o agente que estava no lugar do crime perguntar a localização delas. Tirou-o do bolso.

– Fala a inspetora-chefe Foster. Estamos a dois minutos de distância – respondeu.

Ainda era hora de ponta matinal, mas o dia já escurecia devido a uma névoa sombria que começava a instalar-se. Estugaram o passo e passaram pela sede alta da IBM e pelo prédio baixo e claro dos estúdios da ITV. Ali, South Bank curvava-se bruscamente para a direita antes de se alargar numa avenida arborizada que conduzia ao Teatro Nacional e a Hungerford Bridge.

– É ali em baixo, chefe – disse Moss, abrandando, já sem fôlego.

No leito do rio exposto três metros abaixo, encontrava-se um pequeno grupo de pessoas numa praia artificial de areia pálida na esquina onde South Bank se curvava para a direita. Erika massajou as costelas, tateando a pontada que começara a sentir. A rondar o metro e oitenta, era bem mais alta do que Moss e tinha o cabelo loiro curto colado à cabeça devido à chuva.

– Devia fumar menos – aconselhou Moss, olhando para ela. Afastou do rosto madeixas molhadas de cabelo vermelho. As suas faces roliças estavam ruborizadas da corrida, e tinha o rosto coberto de sardas.

– E você devia comer menos *Mars* – ripostou Erika.

– E como. Agora é um ao pequeno-almoço, outro ao almoço e depois janto normalmente.

– Faço o mesmo com os cigarros – disse Erika, sorrindo.

Chegaram a uns degraus de pedra que levavam ao Tamisa. Estavam manchados pelas marés, e os dois últimos escorregadios devido às algas. A praia tinha quatro metros de largura e terminava abruptamente à beira da água castanha. Erika e Moss mostraram a identificação, e o grupo afastou-se para as deixar chegar até onde uma agente civil tentava proteger uma mala grande de tecido castanho, maltratada e meio enterrada na areia.

– Tentei mandar toda a gente subir, inspetora, mas não quis deixar o local sem vigilância – disse a jovem olhando para Erika através da chuva. Era baixa e magra, mas tinha um olhar determinado.

– Está sozinha? – perguntou Erika, observando a mala. Através de um buraco numa extremidade, espreitavam dois dedos pálidos e inchados.

Ela assentiu.

– O meu colega teve de ir tratar de um alarme que disparou num prédio de escritórios – respondeu ela.

– Isto não pode ser – afirmou Moss. – Devem andar sempre aos pares. Então está a sair do turno da noite no centro de Londres, sozinha?

– Certo, Moss... – começou Erika.

– Não, não está certo, chefe. Estas pessoas são voluntárias! Porque não admitem mais polícias?

– Inscrevi-me para ganhar experiência e poder tornar-me agente a tempo inteiro...

– Precisamos de mandar toda a gente embora antes de perdermos as provas forenses – interrompeu Erika.

Moss assentiu, e ela e a mulher começaram a conduzir os curiosos para os degraus. Erika reparou que no final da pequena praia, ao lado do muro alto, tinham sido abertos dois buracos pequenos por

um homem já idoso com cabelo comprido grisalho que vestia um poncho multicolorido. Ele parecia alheio às pessoas e à chuva, e continuava a cavar. Erika pegou no rádio e chamou os agentes que se encontrassem nas redondezas. Fez-se um silêncio sinistro. Ela viu que o homem do poncho colorido ignorava Moss.

– Preciso que saia daí e suba as escadas – disse Erika, afastando-se da mala na direção dele. O homem olhou para ela e continuou a alisar o monte de areia, que estava saturado da chuva. – Desculpe, estou a falar consigo.

– E quem é você? – perguntou ele imperiosamente, olhando-a de cima a baixo.

– Inspetora-chefe Erika Foster – respondeu ela, identificando-se. – Estamos na cena de um crime. E o senhor tem de sair daqui. Agora.

Ele parou de cavar e pareceu quase ofendido.

– Tem autorização para ser tão grosseira?

– Quando há estranhos no cenário de um crime, sim.

– Mas este é o meu único rendimento. Posso exibir aqui as minhas esculturas de areia. Tenho autorização da Câmara de Westminster.

Procurou nos bolsos e tirou um cartão laminado com a sua foto, que rapidamente se cobriu de gotas de chuva.

Do rádio de Erika veio uma voz.

– Fala o agente Warford, com o agente Charles... – Viu dois jovens agentes descer os degraus.

– Coordenem-se com a inspetora Moss. Quero South Bank fechado, quinze metros em cada direção – ordenou ela pelo rádio, depois enfiou-o no bolso. O homem ainda segurava a licença. – Pode guardar isso.

– Tem uns modos muito desagradáveis – comentou ele, olhando-a.

– Pois tenho, e seria lamentável se tivesse de o prender. Agora vá lá para cima.

Ele levantou-se lentamente.

– É assim que fala com uma testemunha?

– O que testemunhou?

– Descobri a mala enquanto cavava.

– Encontrou-a enterrada na areia?

– Parcialmente. Não estava aqui ontem. Cavo isto todos os dias; a areia é deslocada pela maré.

– Porquê todos os dias?

– Sou artista, faço esculturas de areia – declarou ele pomposamente. – Este é por norma o meu poiso. Faço uma sereia sentada numa rocha com peixes a saltar; é muito popular entre...

– Tocou na mala ou deslocou alguma coisa? – interrompeu Erika.

– Claro que não. Parei quando vi... quando vi que a mala estava rasgada e havia... dedos a sair de lá...

Erika percebeu que ele estava com medo.

– Certo. Vá para o passeio, temos de recolher o seu depoimento.

Os dois agentes e a voluntária tinham isolado o passeio. Moss juntou-se a ela enquanto o velho cambaleava até aos degraus. Eram agora as duas únicas pessoas na praia.

Calçando luvas de látex, aproximaram-se da mala. Os dedos que atravessavam o buraco no tecido castanho estavam inchados e as unhas enegrecidas. Moss afastou delicadamente a areia das costuras, e expôs o fecho enferrujado. Erika teve de fazer várias tentativas para o abrir, mas este acabou por ceder. Moss aproximou-se para a ajudar e lentamente abriram a mala. Saiu um pouco de água, e viram no interior o corpo nu de um homem. Moss deu um passo atrás, tapando o nariz com o braço. O cheiro a carne putrefacta e a água estagnada era intenso. Erika fechou os olhos por um momento e depois abriu-os. Os membros eram brancos e musculosos. A carne parecia sebo e começara a soltar-se, expondo osso em algumas zonas. Erika ergueu suavemente o tronco. Por baixo estava uma cabeça com cabelo preto.

– Chiça, ele foi decapitado! – comentou Moss, indicando o pescoço.

– E as pernas foram cortadas para caberem – concluiu Erika. O rosto inchado e espancado era irreconhecível. Por entre os lábios roxos surgia uma língua negra inchada. Ela pousou suavemente o tronco sobre a cabeça e fechou a mala. – Precisamos da equipa forense aqui em baixo depressa. Não sei quanto tempo temos até a maré voltar a subir.

Uma hora depois, a equipa forense estava no local. A chuva continuava a cair e o nevoeiro tornara-se mais cerrado, obscurecendo a parte superior dos edifícios circundantes. Apesar da chuva, reunira-se uma multidão em cada extremidade do cordão policial para observar a grande tenda forense branca que fora erguida sobre a mala que brilhava sinistra contra a água turva.

Fazia calor dentro da tenda. Apesar do frio, as luzes brilhantes no pequeno espaço provocavam a subida da temperatura. Erika e Moss tinham vestido os macacões azuis e estavam com o patologista forense Isaac Strong, que se agachara junto à mala com os seus dois assistentes e o fotógrafo. Isaac era um homem alto e magro. Entre o capuz e a máscara facial, só se viam os seus olhos castanhos meigos e as sobrancelhas finas.

– O que podes dizer-nos? – perguntou-lhe Erika.

– O corpo esteve na água algum tempo; vê esta descoloração amarela e verde na pele – começou ele, indicando o peito e o abdómen. – A temperatura fria da água terá atrasado a decomposição...

– Isso é *decomposição atrasada*? – interveio Moss, levando uma mão à máscara. O cheiro era intenso. Pararam, a olhar para o corpo nu maltratado e para a forma ordenada como fora emalado: uma perna de cada lado do tronco; as articulações dos joelhos dobradas no canto superior direito e inferior esquerdo; os braços cruzados sobre o peito e a cabeça decapitada por baixo. Uma das assistentes de Isaac abriu o fecho de um bolso no interior da mala e tirou uma pequena bolsa de plástico transparente com uma aliança de ouro,

um relógio e um fio de ouro de homem. Ergueu-o contra a luz, os olhos arregalados sobre a máscara protetora.

– Podem ser os objetos de valor dele, mas onde estão as roupas? – questionou Erika. – É como se tivesse sido embalado, não abandonado. Há alguma identificação? – acrescentou, esperançada.

O fotógrafo inclinou-se e tirou duas fotos. Todos fecharam os olhos por causa do flache. A assistente de Isaac enfiou a mão enluvada no bolso e abanou a cabeça.

– Desmembrar o corpo desta forma, com precisão, e embalar os objetos de valor revelam algum planeamento – comentou Isaac.

– E porquê juntar os objetos de valor ao corpo? Porque não levá-los? Parece que quem fez isso está a gozar – observou Moss.

– Faz-me pensar que pode estar relacionado com gangues ou drogas, mas isso compete-te descobrir – disse Isaac.

Erika assentiu quando um dos assistentes dele levantou o tronco e o fotógrafo tirou uma foto à cabeça decapitada da vítima.

– Certo, estou despachado – anunciou o fotógrafo.

– Vamos levar o corpo – declarou Isaac. – A maré já começou a subir.

Erika olhou para baixo e viu uma das pegadas na areia começar a encher-se de água. Um jovem de macacão apareceu à entrada da tenda com um saco preto e uma maca.

Erika e Moss afastaram-se e viram os assistentes de Isaac correr o fecho do saco, abri-lo e içar a mala. A um metro da areia, ficou presa, e quase caíram.

– Esperem, parem, parem! – gritou Erika, voltando para a tenda. Viraram uma lanterna para a parte inferior da mala. Um bocado de corda clara enredara-se no tecido, que começava a dilatar e esgaçar sob o peso do corpo.

– Uma tesoura, rápido – pediu Isaac. Uma tesoura esterilizada foi desembulhada e entregue. Ele baixou-se e cortou cuidadosamente a corda, permitindo que levassem a mala. Esta desintegrou-se quando foi colocada na maca. Isaac devolveu a tesoura e a corda, e foram guardadas e rotuladas. A seguir, o saco preto foi fechado, envolvendo a mala.

– Eu ligo-te quando terminar a autópsia – disse Isaac. Saiu com os dois assistentes quando eles começaram a empurrar a maca a custo pela areia, deixando marcas profundas.



Depois de Erika e Moss entregarem os macacões, voltaram para o passeio de South Bank e viram que Nils Åkerman, chefe da equipa da Polícia Científica, acabara de chegar com cinco assistentes. Iriam tentar recolher provas forenses no local. Erika olhou para a água que invadia a praia e calculou que não teriam muita sorte.

Nils era um homem alto e magro de olhos azuis penetrantes, que naquele dia estavam um pouco vermelhos, e parecia saturado e cansado.

– Tempo bom para patos – disse ele, abanando a cabeça ao passar por elas. Falava um inglês perfeito, com ligeiro sotaque sueco. Erika e Moss receberam guarda-chuvas e viram Nils e a sua equipa deslocarem-se pela praia cada vez mais pequena. A água estava agora a menos de um metro da tenda, e fluía depressa, engrossada pela chuva.

– Nunca percebo as piadas dele – confessou Moss. – Vê algum pato?

– Acho que ele quis dizer que os patos gostam deste tempo, e porque haveria de ser uma piada?

– Ele disse-o como se fosse uma piada. É o sentido de humor sueco, ouvi dizer que é estranho.

– Bom, vamos concentrar-nos – pediu Erika. – A mala pode ter sido largada mais acima e ficado presa na corda ao ser arrastada pela maré.

– Há quilómetros de margens onde a podem ter largado – disse Moss.

Erika olhou para os edifícios e para a água agitada. Naquele momento, passava uma barça, cuspidando fumo negro, e dois táxis aquáticos compridos e baixos da Thames Clipper avançavam contra a maré na outra direção.

– Seria bastante estúpido largar um corpo aqui – comentou Erika. – Este lugar dá para vários escritórios, abertos vinte e quatro horas por dia. E teriam de o transportar ao longo de South Bank, diante de todos os bares e escritórios, câmaras, testemunhas.

– Depende. Pode ser um bom sítio para uma pessoa corajosa largar um corpo. Há muitas ruas secundárias onde podia desaparecer – disse Moss.

– Isso não é útil.

– Bem, chefe, não devemos subestimar quem fez isto. Ou, devo dizer, *subestimar erradamente?*

Erika revirou os olhos.

– Vá, vamos comprar uma sanduíche e voltar para a esquadra.



### 3

**E**ra tarde quando Erika e Moss voltaram para a Esquadra de Lewisham Row, e estavam ambas encharcadas da chuva, que ainda não abrandara. As obras em torno da esquadra, que estavam no início quando Erika começara a trabalhar ali, encontravam-se quase terminadas, e a esquadra de oito andares destoava dos vários prédios de apartamentos de luxo.

O sargento Woolf sentava-se na área da recepção. Era um homem alto, com olhos azul-claros, rosto branco carnudo e vários queixos que se espalhavam pela camisa branca engomada. Tinha à sua frente uma rapariga magra com cara de cavalo a embalar um menino roliço na anca magra. A criança tinha na mão um saco de doces enorme e mastigava com indiferença, observando a troca de palavras entre a mãe e Woolf.

– Quanto tempo vai manter-nos à espera? – perguntou ela. – Tenho coisas para fazer.

– Isso depende do seu namorado e dos trezentos gramas de cocaína que encontrámos no traseiro dele – respondeu Woolf, animado.

– Vocês... aposto que o incriminaram – atirou, apontando para o sargento com uma longa unha cor-de-rosa.

– Está a sugerir que *enfiámos* aquilo nele?

– Vá-se lixar – disse ela.

– A sua mãe desperdiçou muito dinheiro a mandá-la para a escola de etiqueta.

A rapariga pareceu confusa.

– Do que está a falar? Já saí da escola há uma data de tempo.

Woolf esboçou um sorriso amigável e indicou uma longa fila de cadeiras de plástico verdes desbotadas sob um quadro com folhetos.

– Sente-se, por favor, minha senhora. Eu aviso-a quando tiver mais informações. – A rapariga tirou as medidas a Erika e Moss e atravessou o aposento, sentando-se sob o quadro repleto de folhetos informativos. Erika lembrou-se do seu primeiro dia em Londres depois de ser transferida da Polícia de Manchester. Sentara-se no mesmo lugar e queixara-se a Woolf da longa espera, embora as circunstâncias fossem diferentes.

– Boa tarde, minhas senhoras. Está a chover? – brincou Woolf, vendo ambas com o cabelo colado à cabeça.

– Ná, são só uns pinguinhos – retorquiu Moss.

– Ela está cá? – perguntou Erika.

– Sim. A superintendente está quente e seca no seu gabinete – informou ele.

A rapariga com o bebé enfiou um punhado de doces na boca e fez um barulho de sucção, olhando-as furiosa.

– Veja lá, não se engasgue, minha senhora; já não me lembro bem de como se faz a manobra de Heimlich – disse Woolf, abrindo a porta a Erika e Moss. Baixou a voz e inclinou-se para a frente. – A reforma está tão próxima que quase lhe posso tocar.

– Quanto tempo? – perguntou Erika.

– Seis meses – respondeu ele.

Ela sorriu-lhe e então a porta fechou-se atrás delas. Avançaram por um corredor baixo e comprido, passando por gabinetes onde tocavam telefones e trabalhavam pessoas. Era uma esquadra movimentada, a maior a sul do rio, servindo uma grande franja de Londres e a fronteira com Kent. Correram para o vestiário na cave, dizendo olá a alguns dos agentes uniformizados que iam começar o respetivo turno. Abriram os cacifos e tiraram toalhas para se secarem.

– Vou procurar nos relatórios de pessoas desaparecidas – anunciou Moss, esfregando o cabelo e o rosto; depois despiu o pulôver molhado e desabotoou a blusa.

– Vou pedir mais agentes – disse Erika, secando-se e cheirando uma blusa branca que encontrou no fundo do cacifo.



Depois de vestir roupa seca, Erika subiu as escadas até ao gabinete da superintendente. Lewisham Row era um velho edifício dilapidado da década de 1970, e com os cortes nos orçamentos da polícia, os elevadores eram algo a evitar se não se queria correr o risco de ficar preso metade do dia. Subiu os degraus dois a dois e saiu para o corredor do oitavo andar. Havia uma grande janela com vista para o sul de Londres, desde a estrada de circunvalação que atravessava o coração de Lewisham, passando por filas de casas geminadas até à zona arborizada na fronteira com Kent.

Bateu à porta e entrou. A superintendente Melanie Hudson estava à secretária, parcialmente tapada por uma pilha de papéis. Era uma mulher pequena e magra com cabelo loiro pelos ombros, mas as aparências iludiam, e ela sabia ser dura quando a situação o justificava. Erika olhou em volta. O gabinete era tão velho como o resto do edifício. As prateleiras ainda se encontravam vazias e, embora já ali estivesse a trabalhar há vários meses, Melanie ainda não desempacotara uma fila de caixas que estava encostada à parede. O seu casaco pendia junto à porta num dos três ganchos.

– Venho de uma cena de crime em South Bank. Vítima do sexo masculino, violentamente espancado, decapitado e desmembrado e depois muito bem enfiado numa mala.

Melanie terminou de escrever e ergueu o olhar.

– Era branco?

– Sim.

– Então, não diria que teve motivos raciais?

– Uma pessoa pode ser branca e morrer num ataque provocado por motivos raciais.

Melanie olhou para ela.

– Eu sei isso, Erika. Só preciso de estar a par de tudo. Desde o Brexit, os chefes andam a monitorizar os crimes raciais.

– Ainda é cedo para ter a certeza. Pode estar relacionado com gangues, raça, sexo. Foi brutal. Enfiaram-no nu na mala, com um relógio, um anel e um fio. Não sabemos se eram dele. Estou a aguardar os resultados da autópsia e da Polícia Científica. Digo-lhe

em que compartimento pode encaixar o crime assim que tiver mais informações.

– Quantos casos tem em mãos, Erika?

– Acabei de encerrar um homicídio com assalto à mão armada. Há outros a marinar em segundo plano. Preciso de identificar este corpo, mas não vai ser fácil. O rosto está muito desfigurado e ele passou bastante tempo na água.

Melanie assentiu.

– Era uma mala grande?

– Sim.

– Já não se consegue comprar malas grandes. Tentei arranjar uma de tamanho familiar para irmos de férias, mas não as fazem por causa dos limites de peso. Se tivermos mais de vinte e cinco quilos, cobram-nos uma fortuna.

– Quer que veja se lhe arranjo a mala quando a equipa técnica a despachar?

– Que engraçadinha. Mas é uma questão válida. Já não se fabricam malas suficientemente grandes para levarem duas semanas de material de praia, e muito menos um homem adulto.

– E quanto a pessoal? Quantos agentes me pode dar? Gostaria da Moss e do detetive John McGorry; o sargento Crane trabalha bem em equipa.

Melanie respirou fundo e procurou na papelada da mesa.

– Muito bem, posso dar-lhe a Moss e o McGorry... e um civil para apoio. Vejamos como isso funciona.

– Certo – disse Erika. – Mas há algo estranho nisto. Tenho a sensação de que vou precisar de uma equipa maior.

– Isso é tudo o que vai conseguir por agora. Mantenha-me informada – pediu Melanie, e voltou à papelada.

Erika levantou-se para sair e parou à porta.

– Para onde vai de férias?

– Ecaterimburgo.

Erika arqueou uma sobrancelha.

– Ecaterimburgo, Rússia?

Melanie revirou os olhos.

– Não pergunte. O meu marido está obcecado com destinos de férias alternativos.

- Bem, não precisará de protetor solar em outubro em Ecaterimburgo.
- Feche a porta ao sair – pediu ela.
- Erika reprimiu um sorriso e saiu do gabinete.

**E**rika comprou um café e um chocolate na máquina de venda automática, depois subiu as escadas até ao quarto andar, onde tinha um pequeno gabinete. Não passava de um cubículo, com uma mesa cheia de papelada, um computador e algumas prateleiras. A chuva batia na pequena janela com vista para o parque de estacionamento. Ela fechou a porta e sentou-se à secretária, com o chocolate e o copo de café fumegante. Ouviu telefones a tocar ao longe, e depois um rangido quando alguém passou no corredor. Tinha saudades dos *open spaces* em que trabalhara nos últimos anos, em Bromley e na West End Central. As quatro paredes que pareciam abater-se sobre ela lembraram-lhe que passara seis longos meses desde que vira o interior de uma sala de operações e tinha um grande caso nas mãos.

Havia um velho mapa do Tamisa na parede em frente, e não lhe prestara muita atenção até agora. Abrindo a tablete de chocolate, deu uma grande dentada e contornou a secretária para o ver. Não era um mapa operacional, mas sim artístico, um desenho a preto e branco a abarcar todo o comprimento do rio. A nascente do Tamisa fica perto de Oxford, e o rio percorre trezentos e quarenta quilómetros, através de Londres, antes de desaguar no estuário. Erika deslizou o dedo pelo percurso até onde o rio começava a ter marés, em Teddington Lock, e continuou, passando por Twickenham, Chiswick e Hammersmith, até Battersea, e depois pelo centro de Londres, onde tinham descoberto o corpo na mala.

– Em que zona do rio foi a mala largada? – interrogou-se, com a boca cheia de chocolate. Pensou nos locais onde alguém podia

fazer tal coisa sem ser visto: Richmond? Chiswick? Chelsea Bridge? Battersea Park? A seguir pensou em South Bank, muito observado e com câmaras por todo o lado. Enfiou o resto do chocolate na boca e virou-se, olhando em volta. As placas de poliestireno no teto tinham manchas de água castanhas e as prateleiras estavam cheias de tralha dos anteriores ocupantes: um pequeno gato peludo; um porco-espinho de plástico verde com canetas entre os espinhos no dorso; uma série de manuais empoeirados para *software* extinto há muito tempo. Uma voz irritante soou na sua cabeça: *Fiz mal em não aceitar a promoção?* Todos esperavam que Erika aceitasse ser promovida a superintendente, mas ela percebera que estaria presa a uma secretária a pôr cruzeiros em quadrados, a estabelecer prioridades, a cumprir regras e, pior, a fazer com que outros cumprissem as regras. Erika estava ciente de que tinha um ego saudável, mas que ele nunca seria massajado por aumento do poder, um bom cargo ou mais dinheiro. Estar na rua, sujar as mãos, resolver casos complexos e prender os bandidos: era o que a fazia sair da cama todas as manhãs.

Além disso, os sentimentos de culpa tinham-na impedido de aceitar a promoção. Pensou no inspetor James Peterson. Não era apenas um colega; também era o seu... *namorado?* Não. Aos quarenta e cinco anos, ela sentia-se demasiado velha para namorados. Sócio? Os sócios trabalhavam em escritórios de advogados. De qualquer forma, não importava, ela estragara tudo. Peterson fora baleado no estômago durante o seu último grande caso: resgatar uma vítima raptada. Como sua superior, tomara a decisão de entrar sem reforços. Ele sobrevivera por um triz ao ferimento de bala, tinham salvado a vida de uma jovem e prendido um assassino em série louco, mas, compreensivelmente, isso afetara a relação. Peterson perdera sete meses da sua vida numa convalescença dolorosa, e ainda não se sabia quando voltaria ao trabalho.

Erika amarfanhou o invólucro do chocolate e atirou-o para o cesto dos papéis ao canto, mas falhou e aterrou na alcatifa. Foi apanhá-lo e, quando se baixou, alguém bateu à porta e abriu-a, atingindo-a de lado na cabeça.

– Caraças! – exclamou, levando a mão à testa.

O detetive John McGorry espreitou para dentro do gabinete; trazia um dossiê na mão.

– Desculpe, chefe. Isto é um pouco apertado, não é? – Era um homem na casa dos vinte, de rosto bonito, pele lisa clara e cabelo escuro curto.

– Não me diga! – respondeu ela, deitando o papel no caixote e endireitando-se, ainda a esfregar a cabeça.

– A Moss acabou de me falar do corpo na mala, e disse que vou trabalhar consigo.

Erika voltou para a secretária e sentou-se.

– Sim. Se puder falar com a Moss, ela está a tentar identificar a vítima. Onde trabalhou nos últimos meses?

– No segundo andar, com a sargento Lorna Mills e o sargento Dave Boon.

– Mills e Boon<sup>1</sup>? – perguntou ela, arqueando uma sobrancelha. McGorry sorriu.

– Sim, mas não fez nada pela minha vida amorosa. Tenho trabalhado na catalogação de crimes raciais motivados pelo Brexit.

– Não parece muito *sexy* – comentou Erika.

– É um prazer vir trabalhar consigo. Obrigado, chefe.

– Envio-lhe um *e-mail* mais tarde, e vá ajudar a Moss com a identificação.

– Essa é uma das razões pelas quais estou aqui. Nas últimas semanas, analisei uma série de dossiês, e um caso ficou-me na cabeça. Um homem passeava o cão e descobriu uma mala no Embankment, em Chelsea, quando a maré do Tamisa estava baixa. Lá dentro encontrava-se o corpo de uma mulher branca, na casa dos vinte. Decapitado, desmembrado.

Erika recostou-se e olhou para McGorry.

– Quando foi isso?

– Há pouco mais de uma semana, vinte e dois de setembro. Trago aqui o dossiê do processo – respondeu ele, entregando-lho.

– Obrigada, falo consigo mais logo – disse ela.



Esperou até ele fechar a porta, depois abriu o dossiê. As fotos eram tão repulsivas como o espetáculo que ela vira nessa manhã, mas o

---

<sup>1</sup> Mills & Boon é uma editora britânica de livros românticos. (N. da T.)



corpo mostrava-se em melhor estado, pouco decomposto. A vítima era uma mulher de cabelo comprido loiro. As pernas tinham sido desmembradas logo abaixo da pelve e colocadas nas duas extremidades da mala. Os braços encontravam-se dobrados sobre o peito; para uma vítima do sexo feminino, parecia que o cadáver estava a ser modesto, cruzando as mãos sobre os seios nus. A cabeça decapada fora escondida debaixo do tronco, e, à semelhança da vítima masculina da mala em South Bank, o seu rosto apresentava-se tão maltratado que era irreconhecível.

Erika olhou para o mapa do Tamisa na parede. Tantos lugares para largar um corpo. Ou dois.

**N**ina Hargreaves, de dezoito anos, soube do trabalho de verão na loja de *fish & chips* Santino pela melhor amiga, Kath. Tinham acabado o secundário e, ao passo que Kath entrava na universidade no outono, ela não sabia o que ia fazer. Nina era uma rapariga de aparência agradável, com nariz forte, pele pálida sardenta, cabelo castanho comprido e dentes ligeiramente saídos. Não era uma intelectual, e o psicólogo da escola aconselhara-a a tentar um trabalho de escritório, ou a treinar-se para cabeleireira, mas Nina detestava tais ideias. Não se imaginava presa num gabinete – a mãe, Mandy, era rececionista num escritório de advogados e passava a vida a lamentar-se –, e pensar em trabalhar num cabeleireiro e ter de aturar uma data de mulheres resmungonas deixava-a doente. Já fora suficientemente chateada na escola.

Nina sentia-se frustrada com o mundo e o seu lugar nele. O pai, que adorava, morrera de ataque cardíaco dez anos antes, e embora ela e a mãe não fossem muito chegadas, tinham-se apoiado. Fora um choque para Nina quando Mandy lhe batera à porta do quarto e dissera que queria que saíssem para almoçar no sábado seguinte.

– Quero que conheças o meu novo amigo, Paul – anunciou.

– Um homem? – questionara Nina, confusa.

Mandy parecera acabrunhada e empoleirara-se na ponta da cama. Eram parecidas, mas Nina desejava ter herdado o nariz pequeno e os dentes perfeitos da mãe.

– Sim, o Paul é um amigo *especial*; bem, mais do que um amigo. É advogado na firma – disse Mandy, pegando-lhe na mão.

– Queres dizer um namorado? – perguntou Nina, afastando-a.

– Sim.

– O teu chefe?

– Ele não é meu chefe. Trabalho para ele.

– O quê? Então ele andou atrás de ti e agora são um casal?

– Não sejas assim, Nina. Saí com o Paul nos últimos meses, e não queria apresentá-lo até saber que isto tinha futuro.

Nina olhou para a mãe, horrorizada. Incitara-a ao longo dos anos a arranjar um namorado, chegando a dizer-lhe que devia namorar com o jeitoso do carteiro, mas Mandy sempre respondera que era muito cedo.

– Que futuro?

– Bem, espero que um dia ele se mude para cá.

– O quê?!

– Nina, tens dezoito anos, não ficas em casa para sempre.

– Ai não?!

– É isso que queres? Ficar neste quarto o resto da vida, ainda com o papel de parede da Hannah Montana?

– Claro que não.

– Então aí tens. Não estou a correr contigo, nunca faria isso, mas precisas de criar a tua própria vida.

Aquelas palavras ficaram a pairar. Então, sem nada mais no horizonte, Nina foi a uma entrevista e conseguiu trabalho no Santino.

Tratava-se de uma loja de *fish & chips* da velha guarda, numa extremidade da movimentada rua principal em Crouch End. Tinha um balcão de fórmica verde estalado, frascos de ovos em conserva nas prateleiras e uma longa fileira de fritadeiras fundas onde o peixe panado, as salsichas e as batatas eram fritos e mantidos no expositor de vidro aquecido em cima. Havia algumas mesas no interior, mas Santino vendia sobretudo para fora, e tinha sempre clientes. Os turnos duravam oito horas, e quatro raparigas trabalhavam sem parar, recebendo os pedidos e embrulhando o peixe, sob o olhar atento da idosa senhora Santino, uma mulher temível com voz grave de fumadora. O senhor Santino era calado, comparativamente, e fritava o peixe, ajudado por alguns rapazes.

Nina só conheceu Max no terceiro turno. Ela estava ao balcão a receber um pedido quando ele cambaleou para a fritadeira com uma enorme tigela de batatas fritas.

– Para trás! – rosou, e quando ele deitou as batatas cruas lá dentro, o óleo quente que se derramou salpicou o braço de Nina, fazendo-a gritar de dor. – Eu disse-te para ires para trás! – exclamou, e voltou para a cozinha com a tigela vazia.

A senhora Santino viu a grande bolha a formar-se rapidamente no braço de Nina e chamou-a para a cozinha, metendo o braço dela sob a torneira da água fria.

– Já te avisei para teres cuidado com a frigideira quente! – gritou a senhora Santino. – Não tenho tempo para declarar acidentes de trabalho; para a próxima não sejas estúpida. Mantém isso debaixo de água fria durante quinze minutos, e será a tua pausa!

A senhora Santino voltou para a frente da loja, e Nina sentiu lágrimas a arder nos olhos. O enorme cortador de batatas aos palitos no canto começou a rugir quando Max e outro rapaz deitaram uma saca de batatas lá para dentro. Observou Max a levantar as enormes sacas de batata de vinte quilos da zona de carga e a empilhá-las ao lado do cortador. Não era como os outros rapazes, magros e borbulentos. Tinha o corpo musculado e uma beleza grosseira, acentuada por uma fina cicatriz branca ao longo do maxilar, desde o lóbulo esquerdo até à pequena cova no queixo. Os seus olhos eram lindos, uma mistura estranha de laranja e castanho. As mangas da *T-shirt* estavam enroladas no ombro e o suor cintilava na pele bronzeada. Ele apanhou-a a observá-lo e fitou-a furioso.

– Não sou estúpida! Não me deste tempo para me afastar da fritadeira! – gritou Nina, acima do barulho do cortador, mas ele ignorou-a e saiu para fazer a sua pausa na zona de descargas. Nina continuou a trabalhar no Santino durante o mês de julho. Detestava o que fazia, mas apaixonara-se por Max. Descobriu que ele tinha vinte e nove anos, fama de mau rapaz, e que uma vez fora trabalhar com um olho negro e um lábio rachado. Quanto mais ele a ignorava, mais Nina tentava fazê-lo falar. Trocou a *T-shirt* do Santino por outra de tamanho mais pequeno, deixou de levar sutiã, e fazia coincidir as suas pausas com as dele, mas Max continuou a ignorá-la, grunhindo

monossílabos às suas perguntas e não levantando os olhos do jornal ou do telemóvel.

Quando agosto terminou, Nina começou a ficar abatida. Fora apresentada ao novo namorado da mãe, Paul, durante um jantar num restaurante italiano local. Ele não era feio, embora tivesse peso a mais, começasse a ficar careca e possuísse um péssimo sentido de humor, mas ela percebeu que a mãe estava completamente apaixonada e que em breve Paul iria mudar-se lá para casa.



Numa quarta-feira à noite, no início de agosto, Nina saiu do trabalho depois de um longo turno e entrou no carro para se dirigir a casa. Era uma curta viagem de Crouch End a Muswell Hill, e as estradas estavam vazias. No entroncamento perto do fim da rua principal, Nina parou no semáforo. Esperava enquanto uma idosa com um carrinho de compras atravessava lentamente a estrada, quando uma figura que ela reconheceu saiu do passeio e parou à frente do carro, olhando para ela através do para-brisas. Era Max. Ele olhou em volta e depois aproximou-se da porta do passageiro e bateu à janela, pedindo-lhe que abrisse a porta. Ela viu-se a pressionar o botão para abrir o fecho centralizado.

Max entrou e sentou-se ao lado dela. Vestia calças de ganga, *T-shirt* branca e um blusão de couro castanho. O cabelo louro chegava-lhe aos ombros e tinha um pequeno corte acima do olho esquerdo. Cheirava a cerveja e a suor.

O semáforo ficou verde.

– Está verde, arranca – disse ele.

Ela assim fez e, pela janela detrás, viu dois agentes saírem de um beco e olharem em volta. Max afundou-se um pouco no assento, tirou um maço de tabaco do bolso e acendeu um cigarro. Nina olhou para ele, querendo dizer-lhe que não podia fumar, que aquele era o carro da mãe, mas calou-se. Max estava no seu carro, e isso deixava-a incrivelmente excitada. Ele olhou para ela e depois abriu o vidro, apoiando o braço na porta. Nina percebeu que deixara passar o desvio para casa. Olhou para ele e tentou pensar em algo para dizer. Os olhos de Max percorriam a estrada. Ela nunca vira

olhos tão incríveis. Tinham profundidade e brilhavam, quase como se tivessem brasas a arder atrás deles.

– Para onde vamos? – perguntou ela, rompendo finalmente o silêncio.

– O carro é teu. Vais a conduzir. Por que diabo me perguntas para onde vamos? – retorquiu ele, atirando a beata pela janela. Ela viu-o olhar em volta, para a pilha de velhos CD dos Westlife sob o rádio, o autocolante a dizer KEEP CALM AND HAKUNA MATATA no tabliê, e de repente sentiu-se envergonhada e sem graça. Ele abriu o porta-luvas e começou a remexer no interior.

– O que estás a fazer? – perguntou ela.

Ele tirou um quadrado de pano cor-de-rosa com bolinhas azuis e arqueou uma sobrancelha.

– Isto é teu?

– Não, o carro é da minha mãe, isso é dela – respondeu, inclinando-se para o agarrar, mas ele segurou-o fora do seu alcance.

– Ela guarda as cuecas no porta-luvas?

– É para limpar o vidro!

Ele riu-se.

– Parecem-me cuecas. Esqueceu-as depois da noite em que saiu com o teu pai?

– O meu pai morreu – comentou ela.

– Oh. Merda. Desculpa – disse ele, enfiando o pano no porta-luvas.

– Tudo bem. No entanto, ela tem namorado, um verdadeiro idiota. Max sorriu e abanou a cabeça.

– O mundo está cheio deles. Não tens pastilhas, pois não?

– Não.

Ele fechou o porta-luvas e olhou pela janela.

– Aconteceu há muito tempo – continuou Nina.

– O quê?

– A morte do meu pai. De ataque cardíaco.

Ele olhou para as placas na rua. Nina sentia que Max estava a perder o interesse, e ficou aborrecida por ter falado no assunto.

– Deixa-me aqui – pediu ele, apontando para um *pub* na esquina. Nina encostou à berma e viu-o agarrar no puxador.

– Para onde vais?

– Para o *pub*.

– Nunca estive no Mermaid – disse. Parecia chungoso, com uma janela entaipada à frente.

– Não esperaria que uma rapariga como tu fosse lá – comentou ele, abrindo a porta.

– Como sabes que tipo de rapariga sou? Pareces passar o tempo no trabalho a julgar-me e a lançar-me olhares zangados; a seguir enfiar-te no meu carro e esperas que te dê boleia!

– Pensei que era o carro da tua mãe...

– É. Mas só quero dizer que não deves fazer suposições sobre as pessoas, porque são quase sempre erradas. – Sentiu o rosto corar no silêncio que se seguiu.

Ele olhou para ela com um sorriso irónico.

– Só vou demorar uns minutos. Tenho assuntos a tratar. Porque não esperas por mim?

– Aqui?

– Sim. Onde mais querias esperar?

Nina abriu a boca e tornou a fechá-la.

– Tens algum compromisso? – perguntou ele.

– Não.

– Muito bem. Então fica aqui um minuto. Regresso daqui a nada, e então podes dizer-me que tipo de rapariga és realmente. – Voltou a esboçar aquele sorriso *sexy*, e Nina sentiu as pernas a fraquejar.



Viu-o entrar no *pub*, depois pegou no telemóvel e ligou a Kath para lhe contar o que acontecera.

– Achas que ele fugia da polícia? – perguntou a amiga com preocupação na voz.

– Não sei.

– E que tipo de assuntos tem ele a tratar no Mermaid? É um sítio chunga e a polícia passa a vida a procurar lá droga.

– Está a tentar estragar-me isto?

– Não. Sou apenas uma amiga preocupada. Ligas-me quando chegares a casa?

Nina viu Max sair do *pub*.

– Sim, prometo – e desligou.



Max entrou no carro a meter no bolso um grande maço de notas de cinquenta libras.

– Sei que te prometi uma bebida, mas preciso de passar pelo Lamb and Flag em Constitution Hill. Pode ser? – Pousou uma mão no joelho dela e sorriu. Nina sentiu uma faísca.

– Sim, claro – respondeu, sorrindo.

Levou-o ao Lamb and Flag e esperou meia hora. Quando ele voltou para o carro, trazia duas garrafas de *Heineken*. Nina ligou o motor.

– Em frente – disse Max.

Ela começou a subir a rua. Escurecia e os candeeiros continuavam apagados.

– Isto é para ti – disse ele, oferecendo-lhe uma das cervejas e bebendo um gole da outra.

– Não bebo quando conduzo – respondeu ela muito séria, mantendo as mãos no volante.

– Então não conduzas – respondeu Max, erguendo uma sobran-celha. Nina percebeu que a estrada era um beco sem saída, os candeeiros estavam apagados e as casas às escuras. Ele inclinou-se e acariciou-lhe o cabelo.

– Para o carro. Vamos tomar uma bebida – disse, sorrindo.

– Está bem – concordou ela, retribuindo o sorriso. Ele tinha um cheiro delicioso, uma mistura de *aftershave* e suor. O decote em V da *T-shirt* deixava-a ver um vislumbre da pele bronzeada e lisa do peito musculoso. Sentia-se prestes a explodir de emoção enquanto encostava o carro e desligava o motor. Max entregou-lhe a garrafa, e quando bebeu um gole, a cerveja criou espuma. Ela segurou-a sobre a zona dos pés e limpou a boca com as costas da mão.

– Bolas, que chiqueiro.

– Não sei, gosto de uma rapariga que sabe a cerveja.

Max inclinou-se e puxou o rosto de Nina para o seu, unindo os lábios de ambos. Beijou-a suavemente, depois com mais intensidade, separando-lhe os lábios com a língua. Ela deixou cair a garrafa, mas não reparou. Estava perdida, intoxicada de luxúria e desejo. Só dali a muito tempo voltaria a encontrar-se. E então, seria demasiado tarde.